

LITERATURA, VELHICE E PRODUÇÃO ESCRITURÍSTICA: POR UMA HISTÓRIA CULTURAL DA “TERCEIRA IDADE”

GERALDA M. NÓBREGA¹

ELISA M. M. NÓBREGA²

O estudo de uma literatura de memória ou autobiografia, desenvolvida por autores cujas obras foram escritas quando estes autores completaram os seus sessenta anos, a exemplo de Pedro Nava, Rachel de Queiroz, Ernesto Sábato, Gabriel García Márquez, José Saramago, Machado de Assis, Jorge Luís Borges, e outros escritores de idade propecta, orienta os passos deste artigo, como também indica os primeiros percursos de uma pesquisa, ainda numa fase inicial. Esta literatura memorialista dará ensejo para aquilatar como se reconfigura as representações culturais imaginárias, cujo campo simbólico fica no limiar entre a ficção e as experiências de vida.

O estudo também intenciona cartografar os campos de possibilidade discursiva e imagética das representações (inter)culturais produzidas sobre a velhice, considerando a produção autoral, que enfocam esse recorte de gênero e de geração, no intuito de problematizar as novas ressignificações produzidas na contemporaneidade, sobre os [as] velhos [as], quando podemos estabelecer um novo marco sócio-histórico nesse imaginário, pois se antes a velhice era associada ao passado, sendo os [as] velhos [as] os guardiões da memória e da morte, nesta nova historicidade, a velhice é reinventada a partir do conceito de “terceira idade” (já sendo discutida também como “melhor idade” ou mesmo “feliz idade”), relativo a uma nova dimensão subjetiva do tempo, pois toda a produção literária, tanto acadêmica quanto do mercado da cultura de massa, associa esse imaginário ao presente e ao futuro, enquanto investimento de vida, diferindo da significação da morte e da falência de si.

O estabelecimento, portanto, do imaginário cultural tecido em torno da velhice, inserida na pós-modernidade, inaugura um novo dispositivo de linguagem que está associada às condições históricas atuais, pois as pesquisas apontam para o aumento progressivo da população de velhos não só nos países ocidentais, que acabam por criar novas demandas

¹ Pós-Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Geo-História, Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba.

subjetivas para essa comunidade (BAUMAN, 2000). Nesse sentido, esta problemática não se limita apenas aos discursos literários, possíveis de ser tratados pelo circuito cultural capitalizado por editores, escritores e leitores, mas de toda uma memória intradiscursiva articulada, também, nos espaços institucionais - a exemplo da criação dos cursos universitários para a terceira idade, assim como dos Programas de Saúde Pública para esse grupo geracional específico. Tudo isto reapropriado nos discursos que se propõem a simbolizar as permanências/continuidades discursivas em torno da idéia de velhice, bem como as rupturas/descontinuidades produzidas pelo conceito de terceira idade.

Veras (2000), no prefácio da obra **Antropologia, saúde e envelhecimento**, com base em trabalhos sobre a terceira idade, reúne os temas em torno de alguns eixos, tais como:

O idoso de hoje diante do mundo urbano, industrializado, informatizado, evocando seu passado por meio da memória, vivenciando experiências de inúmeras transformações nos mais diversos campos da vida. O envelhecimento e a velhice, em especial, são tratados por meio de representações sociais dos próprios idosos, de seus familiares, de cuidadores e de profissionais da saúde. Os pontos de reflexão se concentram na idade, no sentido existencial, na personalidade na auto-estima. Como aspectos mais específicos, aparecem de forma recorrente a perspectiva feminina no envelhecimento, com destaque para a sexualidade, a menopausa, a solidão, o uso de medicamentos e alguns agravos à saúde (p. 9).

Nestes eixos se encaixa a literatura de memória, de autores que escreveram suas memórias a partir dos sessentas anos, o que permite avaliar a percepção que estes escritores têm da vida e o seu posicionamento em relação à velhice com que eles convivem. O que estará em jogo, sob esta perspectiva, além do valor literário em si mesmo, é um plano estético, imbricado numa rede mais ampla, de natureza social e coletiva, na diversidade intercultural, e nas diferenças de nacionalidade, origem de classes, formação intelectual e ética, seus anseios profundos, interesses diversos, públicos especializados, enfim numa rede caleidoscópica, que busca aproximar, através de uma difícil apreensão unificadora: imaginário, vivido e simbólico.

A aproximação entre estética, afeto e história, imbricados em relações tecidas como memória, atuam como escritas de si, o que vistos em profundidade destacam um viés sócio-histórico que, mesmo tendo a literatura como ápice, dá à memória a possibilidade de construir

o real, o que se esbate no discurso escriturístico sobre a velhice, e aponta para novas perspectivas.

Houve, pois, um avanço naquilo que é representação da atitude dos velhos (e, entenda-se, velhos que têm o poder de consumo). Chamo a atenção para a obra de Ecléa Bosi, um livro já clássico, em que a autora diz que todas as categorias de pessoas têm suas formas de lutas organizadas, mas os velhos, não. Contudo, é possível tornar visível outras formas de luta, conflitos instituídos na e pela linguagem literária, como a produzida por esses escritores, quando se apropriam da linguagem e fazem do seu texto um espaço de subjetivação poética da instituição social, pois:

[...] os idosos brasileiros, nas duas últimas décadas, inauguram um espaço próprio de ação de cidadania e de inclusão. Modificaram o cenário da organização social e se estabeleceram como um grupo de interlocução política - os velhos elegem, destituem, dialogam, denunciam, recorrem à justiça, incomodam e se fazem ouvir. Transformaram-se como obra própria, em atores sociais e em atores políticos (MINAYO & COIMBRA JR, 2003: 21).

É importante ressaltar ainda que a crítica literária, desde a segunda metade do século XX, já privilegiou estudos que enfocavam recortes de gênero e de geração, a exemplo dos estudos da literatura feminista e/ou feminina, da literatura gay e/ou gls, da literatura infantil, entre outros. Contudo, não existe de forma mais sistemática uma análise literária, que considere a dimensão sócio-histórica do texto, postulando como *corpus* de análise a produção literária constituída em torno da velhice, enquanto invenção escriturística da contemporaneidade.

A apreciação, neste trabalho, se deterá em obras de memória de autores idosos, brasileiros, a partir de Machado de Assis na obra **Memorial de Ayres**, seguido de **O galo das trevas**, de Pedro Nava, **Tantos anos**, de Rachel de Queiroz e Magda Soares, em **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. Há, nesta obra, um estranhamento, pois é classificada como romance brasileiro, o que deve ser revisto, até para se dizer que esta obra representa um gênero misto. Também se deterá em obras memorialistas de autores estrangeiros, como Sábato, Borges, García Márquez, entre outros.

As obras estudadas (brasileiras e estrangeiras, interligadas a uma percepção de mundo que priorize a corporeidade, situação que permite relacionar o discurso escriturístico da

terceira idade com o imaginário memorialista de escritores idosos. Nesta problematização, procura-se compreender como estes escritores viveram seu mundo, o que nos remete às idéias de consciência de si e subjetividade, mas também, e especialmente, de intersubjetividade e ação social, na esteira de Alves (2002).

Nesse sentido, algumas problematizações se tornam necessárias, postulando o imaginário literário como um espaço emblemático desta contemporaneidade, e o discurso escriturístico sobre a velhice entre outras formas de apreender a maneira pela qual as pessoas vivem o seu próprio envelhecimento em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Mas cabe perguntar: como se refletem os significados atribuídos à velhice e qual a compreensão de uma velhice bem sucedida quanto de uma velhice problemática, com todas as suas disfunções, nos discursos escriturísticos sobre a velhice? Sabe-se e aqui se reforça com a opinião de Barsit (2002) que a velhice se organiza com base em imagens e representações. “A vivência das condições de vida de uma pessoa é sempre uma experiência subjetiva, porque é organizada segundo crenças, valores, representações e conceitos que poderiam ser resumidos numa única palavra, ou seja, cultura” (p.177).

A compreensão dessa primeira pergunta suscita novas formulações: qual a percepção de mundo de escritores idosos da literatura brasileira, no âmbito de um imaginário social, impregnado de uma visão memorialista na diversidade de posicionamentos sociais e estético-culturais?

Como se constituem as narrativas identitárias, nas quais as pessoas contam como elas são e como viveram suas vidas, através de um discurso permeado pelos significados culturais da velhice, transmitidos por autores estrangeiros que enfatizam um conjunto, de experiências, na apresentação de suas memórias?

1. A velhice como fenômeno da contemporaneidade: as tradições e as memórias.

A crítica literária inaugurou na contemporaneidade novos procedimentos de suas práticas epistemológicas: os estudos do imaginário (DURAND, 1997; CASTORIADIS, 1985; BACHELARD, 2004, 1990) e a inserção dos estudos sobre identidade e subjetividade (FOUCAULT, 2004; HALL, 2006; BAUMAN, 2003, 2005a, 2005b) o que leva a literatura a exceder a questão meramente estético-literária para se situar num âmbito que promove a sintonia entre outros saberes sobre a sociedade e o lugar mesmo do “espaço literário” nos sistemas semióticos que formam as culturas e, por extensão, a cultura da memória (GONÇALVES; BELLODI, 2005; CASANOVA, 2002).

Logo, a memória funciona como uma faculdade individual ou como uma entidade responsável pelas recordações e pelos esquecimentos. Segundo Rosa (2007)

[...] os atos de recordação, quando se comunicam, são também atos de fala. Algo que nos leva a uma reflexão entre memória e verdade. Deixemos de lado os casos óbvios de fabulação (ainda que fossem bastante relevantes no caso), a mentira facilmente detectável_ quando se introduz uma recordação claramente falsa para enganar (ou se enganar) _ ou as omissões intencionais de acontecimentos que podem mudar o significado do relato. O que nos interessa são as zonas nebulosas. Quando podemos dizer com certeza que um relato do passado é totalmente verdadeiro, sem deixar nada de fora? Quando se pode dizer que se refere à verdade, a toda a verdade, a nada mais que a verdade? Se consideramos a memória individual, trata-se de algo extremamente difícil (2007: 55).

A fala de Rosa, pode ser ilustrada com a obra de García Márquez, **Memórias de minhas putas tristes**, para quem “um leitor mais atento vai encontrar aqui as principais referências e motivações desse hino de louvor à vida e, por extensão, ao amor, já que um não existe sem o outro no imaginário do Prêmio Nobel de Literatura de 1982”, conforme está na orelha do livro.

Como a resignificação de conceitos como narrativa, cultura, linguagem, identidade, discurso, e objeto e, fundamentalmente, sujeito, todos os pontos, diante da lógica da diferença e da multiplicidade, atuam como lemas da revisão pós-estrutural das ciências humanas. A articulação dessas revisões criou, para o campo literário, diversas configurações que enfatizam a diversidade do universo literário e suas relações com o imaginário social, possibilitando novos recortes de pesquisa. Essa experiência problematiza tipos sociais, comunidades compartilhadas (grupos de terceira idade), processo de subjetivação políticas culturais e os lugares de produção das verdades sociais, assim como o respaldo das obras memorialistas, como a obra **Galo-das-trevas** (2003), de Pedro Nava. Nela o autor faz um resumo de sua vida, quanto às observações sobre o presente o projetam no passado. Interessante é a análise que faz como médico e como escritor do seu processo de envelhecimento, realizado com objetividade de profissional, em torno das mudanças sofridas pelo corpo.

Sobre a corporeidade, que pode funcionar como tema de uma segunda hipótese, através de uma memória corporal, o corpo reagindo às doenças próprias da idade, a história de

cada corpo idoso registrada, através de marcas que têm significados específicos. Nada disso isenta o corpo idoso de reações normais próprias do ser vivo:

Por isso, para construir uma ética do corpo, é preciso não somente uma análise das experiências corporais individuais, mas também um conceito unitário do corpo. O corpo real ou natural, com seus desejos e suas sensações, torna-se assim ao mesmo tempo uma categoria a opor ao corpo-texto, e o resultado de uma análise da experiência que cada indivíduo tem de seu próprio corpo: O nó na questão é re-naturalizar corpo livrando-o assim da dicotomia entre natureza e cultura. Convém então construir um novo modelo de corpo, natural e cultural do mesmo tempo, que seja capaz de ultrapassar simultaneamente o corpo biológico e determinado e o corpo pós-estruturalista marcado pela cultura (MARZANO-PARISOLI, 200: 30).

Os corpos já alquebrados de Aguiar e D. Carmo, personagens de **Memorial de Ayres** (1976) [1908] são mediados pela memória e pela própria velhice, corpos apaziguados na semiologia de seus significados:

Ao fundo, à entrada do saguão, dei como os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com as mãos sobre os joelhos. D. Carmo à esquerda tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o caminho. Continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua, vi uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos (p.131).

Santos (2003) destaca que a velhice é um fenômeno plurissignificativo, decorrente de um contexto fragmentado das experiências de vida na sua complexidade cultural, estando o processo de envelhecimento associado ao fim da vida, à morte, daí os quadros de depressão e angústia nos primeiros irmãos de perda de vitalidade, como nas duas personagens machadianas. Em **A república mundial das letras** (2002) Casanova chama a atenção para o fato de os escritores criarem as condições de sua liberdade literária. Para esta autora, a singularidade, a unicidade, a originalidade de cada criador é uma conquista somente possível como um processo de agrupamento e concentração de recursos literários, a que se pode

aduzir, nas obras memorialistas ou autobiográficas, em que a memória está na dependência da percepção que o autor tem da realidade vivenciada e representada como rememoração. Benjamin (1985) pode arrematar o exposto, pois para ele o narrador

pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (p. 221).

Esta discussão atua ainda como uma hipótese, no âmbito de obras memorialistas de autores de nacionalidades diversificadas.

A desigualdade social brasileira é histórica. Eis por que, entre os idosos, aqueles que não têm nenhum poder de consumo são desassistidos e muitos morrem à míngua, totalmente desterritorializados. Isso funciona como um signo de prevalência, sinal de que não existe ainda, nas políticas públicas, um dispositivo para sanar este aspecto humanitário, que ora se apresenta de forma tão desumana, o que foi notificado por Sabato, quando destaca que estamos vivendo uma fase de desumanidade.

O estudo da configuração de territórios ganha destaque, pois, mais que delimitado física ou administrativamente, o lugar é o lugar da identidade, da memória e carrega possibilidades específicas de cidadania e nessa topografia social e evidencia exclusão e desigualdades [...] (VERAS, 2007: 136).

Sabe-se que os excluídos, os que estão à margem, representam uma maioria em relação a uma minoria dos velhos que têm um padrão de vida, susceptível de poder de consumo. Logo, nesta instância, convém destacar as diferenças, entre sujeitos em que a previsibilidade de vida não oferece nenhuma garantia, pela perda de referências humanitárias. Este sentimento de carência envolve uma série de aspectos psicológicos e culturais dos indivíduos, quase sempre de modo inconsciente, além de emoções, frustrações, comportamentos e vulnerabilidades. A estes que representam os velhos excluídos não lhes é dado nem o trabalho da memória, de lembrar o que não se esquece, de reconstruir as razões afetivas para continuar. Áries (2006) chama a atenção para um sentimento de família que vicejou a partir do século XV, se aprofundou no século XVII e se polarizou no século XIX que tornou da família e da profissão e atingiu também o século XX. Ariés (2006: 196) encerra

a sua obra, lembrando que “O sentimento da família, o sentimento de classe e talvez, em outra área, o sentimento de raça surgem portanto como as manifestações da mesma intolerância diante da diversidade, de uma mesma preocupação da uniformidade”. Daí poder-se inferir que já devia haver uma preocupação com os idosos da família.

Debert (2004) publica uma obra **A reinvenção da velhice** em que apresenta uma nova imagem do idoso, destacando que os velhos devem ser vistos como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A velhice ressignificada articula significações específicas num contexto em que o espaço social, o tempo e o curso da vida se encaminham para uma corporeidade em que o corpo e a saúde ganham novas configurações.

As personagens dos idosos que brotam da memória de Rachel de Queiroz (1998), como a sua bisavó, morreu aos oitenta e sete anos e morava com a família (p.14), desenvolvendo-se uma humanização de sentido, motivada por laços familiares que convergem para o exercício da cidadania.

Zimerman (2000), na obra **Velhice: aspectos biopsicossociais** refere-se às formas de violência a que os velhos são submetidos, destacando os aspectos físicos psicológicos e sociais do envelhecimento, acrescidos de maus tratos físicos e falta de carinho. E o que dizer dos velhos que ficam confinados nos asilos públicos? Kochar (2003: 46) de modo otimista diz que “o indivíduo, seguindo os cuidados de uma velhice saudável, pode viver muito e fruir do gozo e prazer das suas funções e capacidades, acompanhando as transformações da sociedade”. As adequações e adaptação são necessárias de acordo com a educação de cada um, pois o processo de envelhecimento é heterogêneo, diferente para cada pessoa. Na esteira de Facina (2004: 44) uma maneira de trabalho com a literatura no campo das ciências sociais é fazer da própria criação literária o objeto de investigação, o que já se encaminha para um viés metodológico. Do mesmo modo, trabalhando a memória, vejo-a na sua continuidade, atuando como base da identidade, pois faculta a possibilidade de se reconhecer a si e por si, segundo a posição de Castels (1988) e, em se tratando de obras memorialistas, com o procedimento da escrita de si, alio-me a Foucault (2004), para dizer com ele que:

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementariedade com a anarcoprese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível fazer então uma primeira analogia:

o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário (p.145).

Gabriel García Márquez (2002) pode exemplificar a assertiva foucaultiana:

Nem minha, mãe nem eu, é claro, teríamos podido nem mesmo imaginar que aquele cândido passeio de dois únicos dias seria tão determinante para mim que nem a mais longa e diligente de todas as vidas não me bastaria para acabar de conta-lo. Agora com mais de setenta e cinco anos bem pesados sei que foi a decisão mais importante de todas as que tive que tomar na minha carreira de escritor. Ou seja: em toda a minha vida (p. 9).

Schirmacher (2005) é pessimista no tratamento dado à velhice pois, para ele, a sociedade que criamos está privando o indivíduo, em processo de envelhecimento, de tudo: “de sua auto-confiança em relação aos velhos que as rugas em sua face, seus cabelos grisalhos e as doenças de seu corpo não são uma punição e também não significam nada, mostram apenas que a natureza perde o interesse por quem está envelhecendo” (p. 119).

Para avaliar o que se propõe com base nos dados escriturísticos sobre terceira idade e/ou processo de envelhecimento e que o vai diferir quanto ao modo de produção, de circulação e de consumo dos equivalentes das obras memorialistas/autobiográficas em literatura, são necessários novos parâmetros de aferição, como um novo método de abordagem para dar conta de uma escrita que vem de outra fonte e se propõe algo um tanto diverso, pelo menos em seus aspectos mais destacáveis do que comumente se chama de literatura. O critério sócio-político e histórico se adequa de modo mais efetivo que o critério estético ou literário, com vistas ainda a um inserção na cidadania cultural.

Se a análise do discurso literário é um ramo da análise de discurso, seguindo a orientação de Maingueneau (2006: 1) observa-se que “a análise do discurso parece ter mais condições de modificar significativamente a maneira de se apreender a literatura, que ele aborda desde o início como discurso, dissolvendo as representações tradicionais do texto e do contexto” (MAINGUENEAU, 2006: 10).

Ainda na ótica de Maingueneau (2007) convém lembrar que este projeto se detém ainda numa rede que rege semanticamente diversas instâncias como instituição, massa documental, enunciadores, ritos genéticos, enunciação e, enfim, um consumo. O próprio discurso pode ser definido como prática discursiva, seguindo a orientação de Foucault, que

introduz este termo para referir-se ao sistema de relações que regula um discurso dado (p.142-3). Depois de problematizar o sentido do discurso, Foucault em sua obra **Arqueologia do saber** (2000) se detém no enunciado e examina, se é mesmo do enunciado que se trata na análise das formações discursivas, vistas por ele, num sentido estrito, como grupos de enunciados, conjuntos de performances verbais ligados como dispositivos analíticos (p.153).

Também, na perspectiva de Foucault, deve-se

analisar as práticas através das quais os indivíduos foram levados a voltar a atenção para si mesmos, a decifrar-se, a reconhecer-se e a assumir-se como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo mesmo, uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser seja ele natural ou decaído (p. 152)

Conforme pode ser detectado nas obras memorialistas/autobiográficas, vistas como escritas de si ou como escrita da história, que determina uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia, nos aspectos escriturísticos aplicáveis ao discurso sobre a velhice/terceira idade, quanto nas obras literárias que destacam o *corpus* a ser trabalhado na pesquisa: “um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como prova. “Um tipo de discursivo que produz uma espécie de excesso de sentido do real pelo vivido; pelos detalhes que pode registrar pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza” (GOMES, 2004: 15).

Norberto Bobbio, em **O tempo da memória: de senectude e outras escrituras autobiográficas** (1997: 54-5) pode ilustrar a posição de Gomes:

Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo as nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade; um mundo que se formou e se revelou na série ininterrupta de nossos atos durante a vida, encadeados uns aos outros ,um mundo que nos julgou, nos absolveu e nos condenou para depois, uma vez cumprido o percurso de nossa vida, tentarmos fazer um balanço final.

Pensando em conferir um campo teórico e metodológico para adequar ao cerne desse ensaio, tratamos de fazer dialogar disciplinas diversas, como História, Sociologia, Psicanálise, Crítica Literária, estudos de mídia e comunicação, sob a égide dos estudos culturais, tudo permeado por uma intersemiose, com o apoio de Umberto Eco que afirma: “interdisciplinaridade e semiótica é tudo a mesma coisa”. Aqui me deterei na semiótica da cultura, com a semiosfera como objeto de pesquisa, ficando na dependência da interdisciplinaridade. A descrição da semiosfera pela semiótica, permite à semiótica da cultura atingir um novo entendimento do holismo, uma análise holística de processos dinâmicos (TOROP, 2007: 54).

Num primeiro momento, a exemplo de Geertz, adotarei um conceito semiótico de cultura. Este antropólogo assim se manifesta (1989: 15), defendendo um conceito de cultura semiótica:

Acreditando [...] que o homem é um animal amarrado a teias de signos unificados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A posição de Geertz quando em relação à ciência diz que se deve olhar não para as suas teorias ou descobertas e não para o que os seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que fazem os praticantes da ciência. É a abordagem desenvolvida em **Antropologia, saúde e envelhecimento** (2002), obra organizada por Minayo e Coimbra Jr.

Nesta pesquisa as concepções gerais de referência desses novos estudos se pautam pela compreensão da vinculação entre os processos culturais, as relações de poder no campo da cultura, com especial destaque para os estudos literários, promovendo um deslocamento para abordagens centradas nas identidades individuais e sociais e nas subjetividades culturais; a exemplo disso com a utilização da biopolítica e do biopoder em Foucault (1979,1999, 2003, 2000, 2001, 2004, 2008,1996).

Também não podem ser descartados outros aspectos, quais sejam, uma história das identidades, das formas como as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representados. Neste sentido, a preocupação se orienta para a necessidade de conceitualização dos vários lugares identitários, de suas condições materiais e sociais, da diferença de lugares do sujeito (gênero, classe, raça, etnia, nacionalidade, etc) para responder a uma questão maior: por que e como os sujeitos investem

em discursos identitários? Como emergiu historicamente os sujeitos que fazem parte da terceira idade e quais as implicações dessa invenção cultural? Essas são algumas das problematizações iniciais que mobilizam nosso atual campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGGIO, A; LAHUERTA, M. (orgs.) **Pensar o século XX:** problemas políticos e história nacional da América Latina. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BACELAR, R. **O desejo não tem idade:** a sexualidade da melhor idosa. Recife: Fundação Antônia dos Santos Abranches_FASA, 2002.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios de repouso:** ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, G. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BARROS, M. M. L. (orgs.) **Velhice ou terceira idade?** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Vidas despedaçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice:** o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. 5. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOBIO, N. **O tempo da memória.** 4. ed. Rio de Janeiro: Campinas, 1997.

BORGES, J. L. **Um ensaio autobiográfico:** 1899-1970. São Paulo: Globo, 2000.

BRESCIANI, S; NAXARA M. (orgs) **Memória e (res)sentimento:** indagação sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

BRITTON, R. **Crença e imaginação.** Rio de Janeiro: Imago, 2003.

CARRETERO, M; ROSA, A; GONZÁLEZ, M. F. (orgs). **Ensaio da história e memória coletiva.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASANOVA, P. **A república mundial das letras.** São Paulo: Estação liberdade, 2002.

COSTA, E. M. S. **Gerontrodrama**: a velhice em cena estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade. São Paulo: Agora, 1998.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**: o direito a cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DEBERT, G. G. **A reivindicação da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, U. **Entre a mentira e a ironia**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ECO, U. et all. **Entrevista sobre o fim dos tempos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ECO, U. **Obra aberta**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FACINA, A. **Literatura & sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FAUSTO NETO, A; HOHLFELD, A; PRADO, J. L. A. PORTO, S. D. **Comunicação**, 2000.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V.)

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Geral, 1999.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3. ed. Lisboa: Vega, 1992.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do collége de France: (1970-1982)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, popularidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERMANT, G. **O corpo e sua memória**. São Paulo: Manoel, 1988.

- HOBSBAWM, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.
- KACHAR, V. **Terceira idade & informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. de UNICAMP, 2003.
- LEIBING, A; BENNINGHOFF-LUHL, S. (orgs). **Devorando o tempo: Brasil, o país sem memória**, São Paulo: Mandarim, 2001.
- LUCENA, C. T; GUSMÃO, N. M. M. de. **Discutindo identidade**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.
- MACHADO, J. (org.) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- MAINGUENEAU, D. **Gênero dos discursos**. Curitiba, 2006.
- MALDONADO, M. T; GOLDIN, A. **Maturidade: dicas para viajantes de 40, 50, 60, 70**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.
- MÁRQUEZ, G. G. **Memória de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MÁRQUEZ, G. G. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- MINAYO, M. C. de S; COIMBRA Jr; C. E.A. (orgs.). **Antropologia, Saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2004.
- MINDELL, A. **O corpo onírico: o papel do corpo no revelar de si-mesmo**. São Paulo: Sumus, 1989.
- MIRANDA, W. M. **Corpos escritos**. São Paulo: EDUNESP; Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1992.
- MORAES, E. R. **O corpo impossível**. São Paulo: Huminuras, 2002.
- NARZARO-PARISOLI, M. M. **Pensar o corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NATTELART, A. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.
- NAVA, P. **Galo-das-trevas: (as doze velas importantes)**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.
- NERI, A. L; YASSUDA (N. S. (orgs.) CACHIONI, M. (col). **Velhice bem sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- OLINTO, H. K. **História de literatura**. São Paulo: Ática, 1996.
- PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006..
- PERISSE, G. **Filosofia, literatura, arte**. Barueri, SP: Mande, 2004.
- QUEIROZ, R. de. **Tantos anos**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.
- SABATO, E. **Antes do fim: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- SANTOS, B. dos S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, R. E. dos; LOBATO, F. (orgs.) **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTOS, S. M. A. dos. **Idosos, família e cultura**: um estudo sobre a construção do papel do cuidador. Campinas: Alínea, 2003.
- SANTOS, S. S. dos. **Sexualidade e amor na velhice**: uma abordagem de análise de discurso. Porto Alegre: Sulamina, 2003.
- SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- SCHIRRMACHER, F. **A revolução dos idosos**: o que muda no mundo com o aumento da população mais velha. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, M. (org.) **História, memória e literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.
- SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: LP & M, 2008.
- SILVA, T. T. da (orgs.) HALL, S; WOOWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOMBRA, J. de C. **A subjetividade corpórea**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- TORO, J. B. **A construção do público**: cidadania, democracia e participação. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2005.
- VERAS, R. (org.). **Terceira idade**: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UNAT/UERS, 1997.
- ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.